

O Campo no Japão: Um Pequeno Ensaio Sobre a Noção de Casa e o Parentesco

Gil Vicente Nagai Lourenção



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2717>

DOI: 10.4000/pontourbe.2717

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Gil Vicente Nagai Lourenção, « O Campo no Japão: Um Pequeno Ensaio Sobre a Noção de Casa e o Parentesco », *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015, posto online no dia 31 julho 2015, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2717> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2717

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

O Campo no Japão: Um Pequeno Ensaio Sobre a Noção de Casa e o Parentesco

Gil Vicente Nagai Lourenção

To reach a house, you must first enter the gate. The gate is a pathway leading to the house. After passing through the gate, you enter the house and meet its master. Learning is the gate to reaching the Way. After passing through this gate, you reach the Way. Learning is the gate, not the house. Don't mistake the gate for the house. The house is located farther inside, after the gate is passed.

Heiho Kaden Sho, Yagyū Munenori.

- 1 Vivi por quase três anos no Japão, de 2012 ao início de 2015, juntando algumas visitas entrecortadas. Por um lado esses quase três anos, obviamente, não são suficientes para uma compreensão satisfatória da Cultura Japonesa, pelas suas profusões, suas conexões complexas com outras culturas, suas dobras e multiplicidades. E sempre algo me escapa, pela razão de não ter sido criado nesta cultura, não ter nascido e crescido no Japão, embora pudesse ter sido criado em outra cultura japonesa fora do território japonês. Não obstante, com o senso de humildade decorrente das dificuldades ao longo do caminho, os anos vividos no Japão me abriram os olhos para uma compreensão um pouco mais ampla sobre uma dada operação de parentesco e uma série de operações sócio-antropológicas na prática. Neste tempo, tive contato com inúmeras pessoas relacionadas a artes marciais japonesas, desde japoneses e pessoas nascidas em outros contextos e culturas, além de conviver e ter uma possibilidade de saber sobre diversas soluções – tanto nativas quanto outras – a respeito do que significa estar no Japão e se relacionar nos meios dos caminhos marciais. Desses encontros e conversas, compreendi em forma fragmentária, pouco a pouco, como as pétalas das flores de *Sakura* caindo levemente ao sabor do vento no início da primavera japonesa, que este trabalho haveria de ser mais longo do que o tempo de pesquisa. Muitas pessoas vivenciaram, muitos pesquisadores passaram e passam suas

vidas estudando sobre o que estudei no Japão, a saber, sobre a noção de Ki e suas relações com a própria condição de “ser” humano; portanto, como fazer uma ciência de algo tão fugidio e ao mesmo tempo tão presente em tudo e todos, sendo uma forma de dobra múltipla entre natureza e cultura?

- 2 Neste artigo veremos reflexões em caráter de ensaio mais do que conclusões acabadas. Tomaremos as relações dadas no *Kendo* [esgrima japonesa] como matéria de reflexão, e dentro dele alguns termos importantes como guias neste caminho, a saber, o conceito de *Casa*, relacionado ao conceito de *Ie* [casa japonesa] e *Dojo* [salão de treino] e outros correlatos à noção e construção do corpo, passando por uma interpretação inicial dos dados por meio do parentesco. O plano do artigo é apresentar os dados sobre esses conceitos e procurar relacioná-los.

Ser e se tornar

- 3 Trabalhei – tanto no Brasil quanto no Japão – coletando dados dentro dos ginásios de treinamento de *Kendo* e, naturalmente, treinando. Isso precisa ser compreendido para se entender sob quais condições o presente estudo foi realizado. *Treinar Kendo* era e é o modo pertinente de se *falar sobre ele*, e a respeito das relações que se estabelecem no seu meio. E isso é importante menos pela questão da teoria do *Kendo* – que interessa menos a antropólogos do que a *kendocas* – do que dos modos de se fazer relações, e relacionalidades¹. E, no mais, isso importa porque o *Kendo* se trata de um caso particular de se atualizar uma *japonesidade*, ou seja, um modo de se demonstrar um *tornar-se* que ocorre sobretudo no Japão – mas não apenas lá.
- 4 Ao viver no Japão, descobri que existe uma miríade de modos de subjetivação bastante distintos entre si e que se ligam com uma constelação de culturas e práticas variadas. Ser japonês neste sentido coloca um problema e um limite. Qual é o modo pelo qual uma pessoa se torna japonesa? E em segundo lugar, qual seria o ideal a partir do qual teríamos uma matriz de comparação? Afinal, existem processos de subjetivação diferentes, que rotulados por termos amplos como sociedade, nacionalidade, cultura colocam mais problemas do que os resolvem. Simplificando as coisas, tudo depende do lugar na qual essa mesma pessoa está e faz. E dentro dos caminhos marciais, existem modos específicos de subjetivação que sequer passam pelo Japão pós – ou supra – moderno dos eletrônicos de *Akihabara* ou dos custos exorbitantes das grandes marcas multinacionais de *Ginza* ou ainda da vida capitalista consumista, ligada a um *way of life* américa-japonizado. Para algumas pessoas, o ser japonês é ser trabalhador de uma grande companhia como Hitachi ou Mitsubishi, ir a *Nomikais*² depois do expediente e ver a família por uma ou duas horas ao dia. Por outro lado, ser japonês, para outras é justamente querer viver em paz, estar em contato com essas práticas indígenas, antigas, por meio das quais se opera um *devir*, ou um tornar-se. Ter o passado como futuro. Naturalmente isso não quer dizer negar o presente; as pessoas continuam a ter *smartphones*, laptops e outras muitas coisas do mundo capitalista.
- 5 Várias das pessoas com as quais tive contato durante a pesquisa no Japão se inserem neste segundo grupo [incluindo não japoneses]. E, apenas para efeito comparativo, outras pessoas – cuja lei lhes confere o estatuto de japoneses – se ligam a outras culturas, outros modos de subjetivação que pouco teriam a ver com o Japão. Temos de reconhecer esse ponto, uma vez que simplesmente dizer que o Japão é isso ou aquilo, e que todos são

japoneses é não reconhecer as especificidades locais. Assim como seria impossível – no caso do Brasil e de outros tantos países – descartar as realidades regionais e locais muito diversas entre si, onde podemos notar toda uma constelação de modos de ser e meios de se tornar, assim o seria para o caso do Japão, e de modos de subjetivação diferentes presentes no arquipélago.

- 6 Do ponto de vista de uma antropologia, da qual sou representante, poderíamos reconhecer uma definição de *Japonês*, dentro da Cultura Japonesa, por meio de três pontos. Em primeiro lugar, um princípio hierárquico subjacente a organização social japonesa; em segundo, pela palavra nativa e em terceiro, pelo parentesco. Há japoneses e japoneses, diria o senhor Morishima [2010]. Logo, seguimos apenas os nativos. E que se pese, há alguns japoneses não japoneses. E há não japoneses, japoneses. Portanto, ficaremos com uma definição provisória de *Japonês* enquanto uma adjetivação, positiva. E discorreremos sobre os casos que podem ser alinhados em modos de transformação que pressupõem o *Japão* enquanto horizonte, sendo este horizonte um presente próximo ao passado heroico.
- 7 Antropólogos avaliam e comparam cultura[s]. E a cultura de outrem pode muito bem comportar a diferença, como é o caso para várias. E o *modo* como lidar com a[s] diferença [s] parece ser questão importante. E o parentesco, entre outras coisas, pode ser visto como uma máquina de se fazer gente. Que essa máquina tenha versões diferentes e peças antropológicas mais adequadas – ou menos – para descrever o seu funcionamento, não significa que perca sua importância como modo de se construir gente, e sobretudo relações que não se limitam a indivíduos/ famílias, e que às vezes sequer passam pelo sangue como critério de necessidade.

***Kendo* – uma máquina para o passado?**

- 8 Para começar, o *Kendo*³ é palco de discursos míticos e rituais sobre o modo de condução moral de seus praticantes, a saber japoneses, descendentes e não japoneses. Desenvolvi pesquisa de campo em Associações Japonesas no Brasil e em locais nos quais se apresentava essa prática no Japão. O *Kendo* significa o “Caminho da Espada” e se trata de uma modalidade de esgrima japonesa na qual é usada uma armadura e espadas de bambu para os combates, compreendendo séries de movimentos corporais e um código moral, resumido no *Bushido*⁴, vivenciado pelos praticantes⁵. Isso não quer dizer que as pessoas coloquem esse código sempre em aplicação e que isso seja sempre passível de observação. O código por si é apenas um indicativo para um problema e pode ser visto apenas como modo sintético de resumir em um plano inteligível uma dada ideia de *japonesidade* vivenciada por essas pessoas.
- 9 Essas práticas, embora ocorram em todos os lugares do Japão e em muitos países em todos os continentes⁶, têm certas especificidades que as localizam mais próximo a um passado heroico japonês. E isso é razão suficiente – mas não necessária – para que muitas pessoas adentrem nesses espaços de treino procurando por esse passado. Vistas por dentro, as relações são mais sutis. Por exemplo, em um *Dojo* que pratiquei em Tsuchiura e que continuo a praticar quando possível, o Sensei [70 anos, 8º Dan, ex-técnico de *Kendo* aposentado da polícia de Tóquio, a famosa *Keishicho*⁷, ou Polícia Metropolitana de Tóquio] dono de seu próprio *Dojo*, mestre em *Ittoryu*, com *Menkyo-Kaiden*⁸, ministra aulas de *Kendo* para crianças, adolescentes, pais e interessados em geral. Em primeiro, as famílias

acompanham os treinamentos, significando que mães e pais assistem, além de ajudar na limpeza, no servir o chá e demais acomodações. Em segundo, O *Dojo* é habitado por parentes, vivos e mortos. Vivos, que o visitam por causa de seus filhos e das relações com o *Sensei*. Mortos, por causa das fotos dos *Senseis* que estão dependuradas nas paredes, constando parentes no geral e mestres de linhagens, e vivos não presentes, como fotos de crianças que passaram por esse espaço, indicando uma linhagem de formação que não pára no *Sensei*, mas se distende para o passado e para o futuro igualmente, sendo ele o cruzamento de diversos caminhos, de muitas pessoas. Decorrem duas coisas neste momento, que analisaremos a seguir: a posição social do professor [e as pessoas relacionadas a ele] e seu espaço de ensino, o *Dojo*.

Sobre os espaços de treino – Dojo – 道場

- 10 No Japão, existe uma grande estrutura para treinamento de artes marciais, em praticamente todos os lugares e cidades. Normalmente os grandes estádios para artes marciais são chamados de *Budoukan*⁹ [salão para a prática de artes marciais], e dentro destes, existem os *Dojos*, ou salões de treinamento. Por outro lado, existem *Dojos* locais e famosos no Japão, de variados tamanhos, dependendo da fama e história dos professores sucedâneos, contemporâneos ou passados. Na cidade de Tsukuba, onde estive, existe um grande *Budoukan* dentro da universidade, como é o caso em várias universidades que visitei, e em escolas secundárias encontramos esses salões em escala reduzida, uma vez que o curso de *Kendo* é eletivo para os estudantes. Nos departamentos policiais nos quais estive, e em algumas empresas, encontramos esses salões de treinamento
- 11 Fiz o trabalho de campo nos *Dojos* 「道場」. Esses espaços de treinamento são ginásios para a prática de artes marciais, possuindo um piso de madeira especial, inscrições nas paredes, e o famoso *Kamidana*, um pequeno oratório de madeira delicado e finamente ornamentado, onde está presente uma das noções de divino para o *Shinto* [Kuroda 1981]. Estes lugares são tratados com zelo e esmero pelas pessoas. Sempre, e todo dia de treino ele é limpo ao início e ao final, seja por crianças ou por adultos. Normalmente, se existem crianças elas fazem a limpeza; caso não, os adultos. Frequentei diferentes *Dojos* com diferentes públicos, tanto de crianças, jovens, adultos, japoneses e com presença de não japoneses.
- 12 Sobre os *Dojos* japoneses notamos que às vezes eles são verdadeiras extensões das Casas japonesas, principalmente quando se tratam de locais fixos ou de propriedade de um *Sensei*. “Propriedade” de fato é algo difícil de argumentar uma vez que eles contam com doações de dinheiro para sua construção, doações essas feitas por empresas ou pessoas físicas, além do fato de serem utilizados por um público relativamente amplo, e cuidado por essas pessoas. Neles também ocorrem pequenas confraternizações, conversas e naturalmente treinamentos. Há *Dojos* famosos pela sua história, por exemplo, o famoso *Dojo* do templo *Kashima*¹⁰, em Ibaraki, templo dedicado às artes marciais e que sempre recebe peregrinações de praticantes de artes marciais no ano novo japonês¹¹, e durante todo o ano¹². O templo é dedicado à divindade chamada de *Takemikazuchi no Kami*¹³, ou divindade da tempestade, do trovão e da espada. Além de ser esse o Templo no qual *Tsukahara Bokuden*, o “santo da espada” atingiu a iluminação [Sakai 2010] e é no geral dedicado às artes marciais.

- 13 Somando-se a isso, no *Kendo* e em todas as outras práticas japonesas, note-se, há uma hierarquia básica que organiza as pessoas. Em primeiro lugar os professores (*Sensei*)¹⁴, em seguida os alunos mais antigos (*Senpai*)¹⁵ e os praticantes iniciantes (*Kouhai*)¹⁶. Este sistema hierárquico primário é base de grande parte das hierarquias no Japão, vindo a funcionar em muitas relações, desde empresas, escolas, universidades e doravante nas práticas marciais ou *Budo*¹⁷, ao menos de acordo com minha experiência e a de meus informantes. O professor é aquele que ministra as aulas e é tratado com deferência, pois é responsável pelos ensinamentos e também pelas pessoas que treinam no local, além de possuir as credenciais para o ensino. Ora, esse princípio é importante e liga o passado ao futuro. Existem linhagens de escolas e professores no Japão, e pesa sobre cada atitude o entendimento, mesmo que inconsciente, sobre essa ligação de mestre e discípulo. E a responsabilidade correlata a essa vinculação. Os *Senpais* são os mediadores entre os novatos e os *Senseis*, e por fim, os novatos. Sobre isso, ver Lourenção [2014].
- 14 Ora, o sistema *Sensei*, *Senpai* e *Kouhai* é de grande importância para se entender a própria estrutura social japonesa, tal qual amparado em minha experiência de campo no Japão e em questionamentos junto aos meus informantes. Este sistema hierárquico primário é o primeiro e mais presente sistema de organização social no Japão, existindo em todos os lugares nos quais tive a chance de observar. Infelizmente poucos trabalhos citam *en passant* esse tipo de relação e nenhum acadêmico, ao menos até este momento. Grande parte dos outros sistemas se utiliza dele em lógica parecida e seu funcionamento leva em conta basicamente a regência da temporalidade. Quanto mais tempo em uma dada atividade, tanto mais uma pessoa deve saber. E ensinar. Em segundo lugar, ele é operante em grande parte das relações japonesas de ensino-aprendizado-trabalho. O que quer dizer que em muitos lugares e relações onde haja troca ou diferença de conhecimentos, e onde haja diferença de idade, esse sistema pode operar.
- 15 Dentro do Japão, ao que parece as pessoas se *tornam japonesas* também. E sob certo ponto de vista, elas podem também não se tornar, quando desejam viver sob outras lógicas. Mas ainda sim, esse sistema é válido. É verdade que ele pode ser modulado e/ou diminuído em seu teor e operação, principalmente nos casos onde se coloca em xeque a posição ou validade do ensino do *Senpai*, mas permanece como um sistema de organização de grande parte das práticas sociais. A K. Sensei me disse várias vezes sobre como eu era mais japonês do que muitas pessoas que ela conhecia. O caso do Abe-san começou a demonstrar isso; no meu treinamento semanal, no cuidado com que eu tratava as pessoas, no conhecimento sobre alguns rituais japoneses. Isso causava surpresa a essas pessoas, a tal ponto de eu ser tratado e “naturalizado” como uma pessoa em parte do Japão. Eu não era apenas o Gil do Brasil; ainda era, mas começava a me tornar o *Jiu* [慈雨 – Chuva bem-vinda] do *Kendo* e do *Iaido* que estudava o *Ki* e a Cultura Japonesa. De certo modo fui inserido em um sistema de parentesco japonês e na hierarquia de correlação *Sensei*, *Senpai* e *Kouhai*. Vejamos alguns exemplos.

Parentesco que faz parentes

- 16 Dido San, 38 anos, de nacionalidade italiana, casado no Japão com japonesa, dois filhos, foi um dos *Senpais* que encontrei ao longo dos treinos, e que possui uma história longa no Japão. Viveu cerca de oito anos lá, vindo a estudar língua e Cultura Japonesa em Tóquio e passou a trabalhar no Japão; de acordo com nossa conversa, ele foi motivado pelo *Kendo*. Em certo momento ele conheceu I. Sensei e passou a estudar *Ittoryu*¹⁸, e isso mudou

algumas coisas que ele via no Japão pois passou a fazer parte de uma “grande família”, em suas palavras. Disse-me que, vindo da Itália, foi uma coisa muito boa encontrar um professor como o I. Sensei, porque logo ele passou a se sentir em família, visto que além de exímio espadachim, tem um coração aberto e receptivo a quem deseja aprender. Além disso, I. Sensei foi a convite de Dado para a Itália, para ministrar seminário, e isso marcou a relação de responsabilidade de I. Sensei para com os italianos praticantes e mais especialmente com Dado, que se tornou praticamente um filho para I. Sensei.

- 17 M. Ishikatsu, 38 anos, de nacionalidade inglesa, casado com japonesa, filho recém-nascido, trabalhando em High School japonesa como professor de Língua Inglesa. Vem para o Japão após viver na Austrália e lá estudar, casa-se com a mulher que conheceu na Austrália. Principalmente interessado em *Kendo* e artes marciais, passa a ter família e trabalho no Japão, fazendo com que fixe residência em Kanagawa. De acordo com M., a vida no Japão foi possível pela família que cultivou e pelo interesse em artes marciais, além de desejar viver lá em razão da esposa e da criança. Disse-me ele que o Japão seria engraçado porque você *sempre* parece estar em família: em casa, no Dojo de *Kendo*, até mesmo em *Isakayas* [bares] com amigos. Isso, segundo ele, era uma das coisas que ele gostava. Além disso, ele faz uma mudança em seu sobrenome, recebendo o Ishikatsu de sua esposa. Uma das razões para isso é a questão da nomeação do filho, uma vez que para que a criança receba o sobrenome composto, é preciso que o pai também tenha o mesmo sobrenome. A composição de sobrenomes deve ser feita na prefeitura local [para mudança do sobrenome do esposo, no caso]; o Ministério da Justiça apenas é acionado em caso nos quais a esposa solicite a mudança de sobrenome ou a composição de novo sobrenome. Isso pode ocasionar a fundação de um novo ramo familiar.
- 18 A. Fisherman, 28 anos, inglês, casado com japonesa, dois filhos, trabalhando em loja de suprimentos de *Kendo* em área de vendas internacionais. Vai para o Japão em 2009 para se aprimorar no *Kendo* e acaba conhecendo a esposa. Diz que o Japão é o melhor lugar para ter o tipo de vida que ele tem, a saber, de cuidar da família, de treinos e de trabalho e espera viver por lá mais anos, e se sagrar campeão europeu de *Kendo* em um futuro possível. Reconhece que é preciso ter algo dentro do coração para desejar morar no Japão e ele se sente como se tivesse um coração japonês, de tanto que gosta de viver e aprender. Diz que a vida não foi fácil no início, mas motivado pelo *Kendo* e pelo desejo, aprendeu a amar o Japão.
- 19 G. MacCallingham, 40 anos, escocês, professor de inglês, casado com japonesa, vive em Osaka há 10 anos. Veio como estudante de Ciências de Computação pelo *Monbukagakusho*, mas a razão de fundo, disse ele, foi pelo *Kendo*. Ele mantém um website com informações e traduções em inglês de textos famosos, sendo uma referência importante no meio do *Kendo* por fazer a tradução desses textos e por dar diversas dicas sobre os treinamentos no Japão, sendo também editor de alguns livros sobre assuntos correlatos a artes marciais. Tivemos uma entrevista em 2013, quando ele me disse que de fato adorava viver no Japão e treinar lá, porque isso não era estranho para ninguém. De acordo com ele, o ponto importante é possuir um espírito japonês e que isso é algo possível, e tem a ver com confiança no que se está fazendo e vivendo e, além, essa não seria uma qualidade unicamente japonesa, uma vez que eles próprios precisam se esforçar para se tornarem japoneses.
- 20 Todas as quatro narrativas aqui destacadas são de homens de países europeus casados com japonesas, a maioria com filhos. Este recorte não é intencional uma vez que tenho no banco de dados cerca de trinta e cinco por cento de testemunhos de mulheres, uma

grande parte casada ou com relações com japoneses. Por outro lado neste momento apenas destaquei alguns testemunhos que colocam em centralidade a questão da família¹⁹ e a análise trará em minha tese os testemunhos relacionados por um recorte de gênero. Bem, como juntar essas experiências em algo inteligível?

Sobre a casa e o Dojo – construção de um modelo

- 21 A noção de casa possui uma conotação importante no caso das práticas de caminhos marciais, uma vez que ela se trata de uma metáfora para a operação do parentesco e para uma noção de corporalidade para os japoneses. E por conseguir comportar em seu sentido um conjunto importante de experiências. Apenas um comentário sobre a noção de casa²⁰ – as modalidades de treinamento se dão em espaços nos quais *Senseis* orientam. Esses professores não raro tratam seus alunos como filhos e vemos relações de afeto nesses espaços, não apenas obrigações relativas ao treinamento. Sobre a casa, duas coisas são importantes – o espaço interno e a disposição dos elementos que retraçam o parentesco e naturalmente as relações que se estabelecem, com os vivos e os mortos.
- 22 Segundo Lévi-Strauss [1986: 186-187] na Europa e noutras partes do mundo – como no Japão – as casas medievais apresentam exatamente as mesmas características, definindo-se pela posse de um domínio composto de riquezas materiais e imateriais – as “Honras” – entre as quais se situam até mesmo tesouros sobrenaturais. E o importante é que, para se perpetuarem, as “casas” apelavam amplamente para o parentesco, quer se trate de aliança ou de adoção. Na falta de herdeiros masculinos, e por vezes em concorrência com eles, as irmãs e as filhas podiam assegurar a transmissão dos títulos [Lévi-Strauss 1986: 186-187], [1981: 153 e seguintes]. Pensamos que este modelo pode ser adequado para se pensar o modo como o *Dojo* – enquanto modalidade da Casa Japonesa – pode render em uma interpretação antropológica. Sobre isso, consultar Lourenção 2010a: 76-101, 2010b, justamente pelo motivo de que a noção de *Casa* aplicada ao *Dojo* apresentou modalidades possíveis de diversificação da relacionalidade-parentesco [Machado 2006 a; 2006b, 2011; 2014], [Carsten 1995, 2004] e notamos nos contextos etnográficos que a teoria da *Casa* [Lévi-Strauss 1981, 1985, 1986, 1992]; [Carsten & Hugh-Jones 1995] e *Casa-Dojo* [Lourenção, idem] ainda é operante. Sobre as devidas relações e a aplicação deste modelo, ver Lourenção [2014]. Sobre desdobramentos sobre ele e a utilização em nosso laboratório no Brasil, ver Machado [2013].

Ie e casa – sobre parentesco

- 23 Em primeiro lugar, o *Ie* – ou a casa japonesa – enquanto um problema de parentesco trouxe dúvidas nos modelos utilizados até então, principalmente formulados por europeus e americanos [Shimizu, 1991]. No Japão normalmente o *Kazoku* é entendido como família nuclear e o *Ie*, como a “Casa”, em sentido estrito. Porém, estudiosos de diversas áreas das ciências sociais começaram a pesquisar o ambiente rural japonês na década de 1930, quando os estudos clássicos sobre parentesco tiveram bastante influência no Japão e passam a se centrar no conceito de *Ie*, uma vez que era um daqueles conceitos-chave que colocavam problemas para uma teoria do parentesco. Dentre eles, se notou que o *Ie* apresentava problemas em relação a parentes e não parentes, consanguinidade e afinidade; embora pudesse ser considerado como “família” em sentido amplo, possuía

uma variedade de termos irregulares, tais como os citados anteriormente, mais problemas decorrentes da primogenitura, adoção, chefia, entre outros [Idem: 378].

- 24 Apesar de o *ie* estar baseado na família, problemas não se solucionaram com as ferramentas de parentesco até então utilizadas. Como uma regra, o filho mais velho deveria suceder o pai como chefe da família [Kazoku²¹]. Aqui, o *ie* foi interpretado como uma descendência patrilinear [Oikawa 1967 [1940]], apud Shimizu, [1991]. Aruga interpretou a partir da primogenitura, distinguindo os membros da família a partir da linhagem de sucessão, colocando de lado os parentes colaterais. Não obstante esta solução trouxe problemas em decorrência, uma vez que outros parentes que não na linha de sucessão ideal, os chamados “adopted sons in-law”, como os sucessores adotados e os servos, como deveriam ser interpretados, se eram entendidos dentro do contexto familiar japonês como parentes? A solução foi centrar nos primeiros [tanto no caso de não ter filhos na linha de sucessão, quanto no caso de ter apenas mulheres] por meio da prática do *muko* [no caso do marido] *yoshi* [adoção], ou seja, ele se transformava em um filho adotado [*Muko-yoshi*]; ou seja, enquanto parentes adotados de acordo com o debate, eles poderiam concorrer à linha de sucessão²².
- 25 Por outro lado, os servos seriam ponto de disputa por algum tempo dentro da literatura e academia japonesas [Nakano 1978-81 [1964]]; [Oikawa 1967 [1940]] Shimizu, [1991], uma vez que eram incorporados à casa e eram reconhecidos por meio de uma solidariedade familiar, e tornando-se membros das famílias e das casas de fato e de direito.
- 26 Com a transformação e com o aumento das áreas urbanas – ou como se vê no Japão, as áreas rural-urbanas – principalmente no pós-guerra, transformações ocorrem mas em princípio, as relações a partir do *ie* não foram profundamente transformadas, e o que se via em termos de configurações de família e solidariedade familiar nas áreas rurais se move e passa a funcionar dentro de empresas e pequenos negócios familiares, por meio de uma formalização dos laços de parentesco.
- 27 Mas o debate e disputa entre as duas interpretações feitas por Aruga e Kitano, sendo o primeiro que procurou interpretar o *ie* em um meio mais sintético, baseado na consanguinidade, e o segundo, por um modo mais amplo incorporando os afins continuou até meados da década de 60, quando Nakane [1964, 1967, 1970] retorna da Inglaterra e procura aplicar os estudos em voga nos anos 60, de onde se observam os conceitos principais de descendência e família, e passa a duvidar que esses conceitos possam explicar o *ie/dozoku*. Esse é o segundo movimento dos estudos japoneses sobre o *ie/dozoku* [Shimizu, *ibidem*]. Resumindo, ela diz que o *ie* não pode ser interpretado como família e nem como família extensa, uma vez que a filiação não se faz pelo sangue/nascimento e seria dependente da residência e economia locais.
- 28 A terceira onda de estudos veio com as críticas ao trabalho de Nakane. Por exemplo, Gamo [1968, 1970] acusa Nakane de ver na família apenas uma decorrência de um parentesco biológico, centrado na consanguinidade e laços de sangue. Naturalmente os pesquisadores liderados por Gamo rediscutiram as noções e conceitos de parentesco, e viram que muitos não eram adaptáveis ao caso do *ie/Dozoku*; também argumentaram que havia aspectos que não poderiam ser negligenciados. Gamo analisou símbolos importantes e reavaliou o *ie/Kazoku*, defendendo a ideia do *Kamado*, ou do “coração da família”. De acordo com as definições dadas por seus informantes, os filhos adotados e sucessores adotados eram considerados parentes da mesma forma que os de sangue. Além disso, a unidade simbólica do *ie* incorporava amplamente os parentes por casamento e os parentes por adoção [Gamo

1968; 1970]. Essa seria uma saída interessante, uma vez que aponta para uma linha de um parentesco social e relacional, diferentemente de um baseado no sangue. Esse ponto é central em minha interpretação, pois o que vi no Japão aparece em decorrência do fato de que famílias tradicionais incorporam estrangeiros, às vezes dentro de seu próprio parentesco e em muitos casos dentro dos Dojos de artes marciais enquanto uma modulação do parentesco de fato.

- 29 Portanto, sobre a noção de Casa. Ela parece ser útil para pensar o caso do *Ie/Kazoku*, desde que consideremos outros aspectos além do quadro dado pelos grupos corporados de parentesco. Para o caso do *Ie*, quatro níveis podem ser considerados, de acordo com Shimizu [ibidem: 385-86]: a entidade social chamada de *Ie* significa casa de habitação [diferentemente de *Kazoku* que se refere a família nuclear] e é percebida como independente de seus membros. Para cada casa há uma identificação com nome, status social e história. Este aspecto Shimizu chama de *Ie* simbólico e regula como ele é incorporado e vivido nos membros e como eles se apresentam em suas vidas sociais. O outro aspecto, que ele chama de *Ie* incorporado [embodied *Ie*], se estabelece em dois níveis: *hotoke* ou os mortos, e os vivos organizados em grupos corporados. Os mortos são alinhados em pares de casamento, e o sistema de *status* no *Ie* corporado seria modelado por esse alinhamento. Aqui, estes precedem os pares de casamentos e antecedem os futuros chefes do *Ie*, que estabelecerão por meio do casamento e da divisão de tarefas entre os gêneros a continuação e sobrevivência da casa. Neste caso, há predominância hierárquica do homem sobre o adotado, da criança nascida sobre a adotada, do homem sobre a mulher, mas dentro dos limites do parentesco, as regras para a adoção permanecem válidas. Este modelo naturalmente é focado em uma valoração do sangue, em detrimento dos laços possíveis e arranjos manipuláveis a partir do *Ie*. Esse foi um critério elencado por Shimizu, levando em consideração seu estudo de campo de áreas rurais no Japão ao final do Século XX, mas ele mesmo aponta que o *Ie* não pode ser somente interpretado tendo por base o sangue e, no mais das vezes, o sangue é relegado como um dos aspectos, menor, em detrimento de outros. Justamente essa hipótese, menor, é a que me aproveito para pensar o *Ie-Casa-Dojo*. De acordo com Shimizu, teríamos o seguinte desenho:

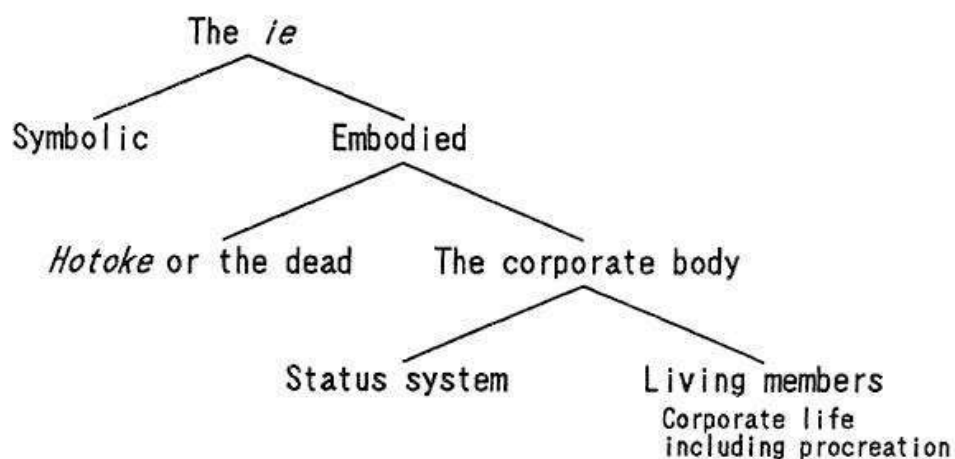


FIGURE 1. The cultural structure of the *ie* (from Shimizu 1987b:88).

- 30 O primeiro ponto a se destacar seria qual a comparação possível entre *Dojo*, *Ie*, e noção de casa a partir da estrutura cultural desenhada acima. Bem, em primeiro lugar, o *Dojo* pode ser entendido como casa, de onde todas as demais relações podem ser retraçadas. O *Dojo* simbólico estando em conformidade com as linhagens; o incorporado, por meio das relações e vinculações levando em consideração as famílias e demais relações. O sistema de *status* e por conseguinte os membros e relações. Em segundo, seria isso parentesco? Satisfaz as condições? Bem, as condições são satisfeitas e incorporações são feitas, sendo que essas pessoas se tratam por meio do idioma do parentesco e mantêm as atitudes coerentes com a vinculação.
- 31 No caso de uma série de *Dojos* no Japão, vemos algumas constantes que alinham a esse parentesco. A unidade básica consiste em três gerações: mais velhos, adultos seniores e jovens. Em segundo, os pontos importantes são o nascimento, a nomeação e a produção do corpo por meio dos treinamentos. Dentro do *Dojo*, temos apenas uma delas, que é o treinamento – para japoneses – e às vezes a nomeação para pessoas que começam a fazer parte de um *Dojo*, quando em caso de não nascidos no Japão [em caso de nascidos no Japão, retraça-se a partir do sobrenome e nome]. Em terceiro e fundamentalmente, o caso japonês mostra uma dimensão de construção social do parentesco, no qual poderíamos distinguir três – ou mais momentos – de construção. A primeira, relativa ao parentesco por procriação; a segunda, por construção do corpo e do *Ki* [Energia corporal] e a terceira, por meio de um alinhamento em termos ideológicos e/ou simbólicos.
- 32 Sobre a primeira, teríamos naturalmente a noção de nascimento e pertencimento a uma relação de família dada pela consanguinidade. Sobre essa, as relações que iniciam a delimitar e fazer a criança, e seu corpo – nomeação, alimentação, ritos religiosos etc. Sobre a segunda, parentesco por construção do corpo e do *Ki*, implica em que no Japão o nascimento por si só é insuficiente para fazer das pessoas membros da sociedade: alimentação, ritos religiosos, grupos de faixas etárias e atividades conjuntas etc. Neste caso, diversas atividades habilitam o corpo e a pessoa a essa fase. E é dentro dela que grande parte dos não japoneses é incorporada, tanto a famílias [*Dozoku*], casas [*Ie*] quanto *Dojos*. Por fim, um parentesco ideológico e/ou simbólico, sendo nesta etapa também que podemos ver não japoneses presentes. Nela, notamos um aparato simbólico que atesta a vinculação, como os emblemas da casa, os *Senseis* passados, as escolas [*Ryūha*: 流派], o pertencimento e filiação ao *Sensei* etc.
- 33 Essas três formas podem ser vistas como progressivas no tempo, embora possam também ser vistas como concêntricas, como é o caso de áreas rurais do Japão e, ao que vem aparecendo em minha pesquisa, válidas igualmente para *Dojos* de áreas urbanas e companhias familiares. Embora o sangue tenha se tornado algo que define famílias no Japão moderno [pós-Meiji], por várias razões e relações, a dimensão do parentesco enquanto uma múltipla construção [além e aquém do sangue] ainda pode ser encontrada.

Ainda sobre o parentesco – Conclusão

- 34 A partir deste momento podemos ver que esta perspectiva diferente abre outras possibilidades para estudos posteriores, ou seja, o que se concebe como corpo, *Seishin* e *Ki*, pois isso faz com que o parentesco e a análise do parentesco funcionem. Ora, o corpo 「体」 para os japoneses é algo construído, desde o nascimento até a morte. Não se admite que uma pessoa se torne um membro efetivo da sociedade a não ser através de um

trabalho incessante de formação do corpo [ao menos dentro dos caminhos marciais que têm esse horizonte heroico como destino]. O *Seishin* 「精神」 por outro lado, seria aquilo relativo à mente, espírito, intenção. Esse termo não parece menor em relação ao corpo, sendo motivo igual de atenção e constante formação. O *Ki* 「気」 por outro lado, indica a própria noção de energia vital, em grande medida relacionada com elementos que não são levados em consideração em análises do parentesco, como as relações com a natureza não estanque e fixa, mas continuamente dobrável sobre a cultura. O *Ki* também é uma coisa fabricada em certa medida, por procedimentos repetidos constantemente nos locais de treinamento. Ora, essas coisas efetuam uma dobradura múltipla entre natureza e cultura. O que os analistas veem como parentesco ou como cultura, é algo que se dobra constantemente sobre a natureza. Admite-se que os corpos são diferentes, os espíritos são diferentes, mas essa diferença não se situa na cultura ou na natureza, mas em ambas ao mesmo tempo. A questão não é um multiculturalismo [ocidente] contra um multinaturalismo [Amazônia] [Viveiros de Castro 2009], ou adaptações entre consanguinidade e afinidade para poder comparar. Ambos são desdobráveis. Contra a diferença de corpos, a nutrição e as práticas. Contra a diferença de espíritos, a nutrição e as práticas. Contra a noção de família nuclear, o desdobramento do *Ie*. A questão aqui não é fabricar japoneses por si, de forma a ver japoneses em todos os lugares, mas admitir que em certo sentido, apenas com um balanço entre uma natureza desdobrável na cultura e uma cultura desdobrável na natureza, a vida social é possível. O parentesco é possível. Uma dada humanidade é possível. Como um equilíbrio ténue.

- 35 O que é dado e o que é construído? [Wagner 2010] Ora, *depende*. Depende das relações a partir das quais o parentesco é feito, a partir das dobraduras possíveis entre natureza e cultura para o caso analisado no contexto japonês. Tudo conta para esse parentesco, não apenas o sangue, o corpo ou a alma, ou a terra, a casa e as plantas - que também existem. O parentesco japonês coloca esse tipo de problema e dificuldade. *Depende*, talvez seja uma saída elegante. E sábia.
- 36 Por outro lado, a ideia de mutualidade do ser [Sahlins 2011]; [Machado 2014] é bastante interessante para pensar a forma pela qual relações de parentesco se fazem no Japão, incluindo não japoneses; pessoas que participam intrinsecamente nas existências de outras pessoas, vivem as vidas de outras pessoas e compartilham das mortes de outras pessoas. Em suma e sobretudo, a experiência dessas pessoas mostra uma participação da e na vida das outras pessoas.
- 37 O *Ie* pode ser construído tanto social como genealogicamente. Pode ser interpretado como ênfase no biológico, no nascimento, no papel do homem e mulher, transformação do corpo, e nos ancestrais e substâncias, entre elas o espírito [*Ki*, *Seishin*], sangue, sêmen. Na etapa pós-natal: comensalidade, residência, reencarnação, adoção, amizade, sofrimento compartilhado. E nas *ideologias* como escolas, linhagens, vinculações, faixas etárias, deuses, espíritos etc. Ora, vemos que a noção de *Ie* guarda e permite uma série de operações de parentesco na prática. Longe de dividir, seria melhor justamente afirmar que essas etapas, concêntricas, são parentesco/relacionalidade. E que esse parentesco se desdobra em seus membros. Japoneses e não japoneses.
- 38 Ora, o ser humano - ou *ningen* 「人間」 é um espaço na pessoa. Um intervalo, preenchido por outras pessoas, relações, parentescos, substâncias, moralidades, modos de vida, de agência, de natureza, de cultura. O que seria o *Ie*, para um parentesco? Ora, muito provavelmente um preenchimento por meio de interparticipações mutuamente implicadas; um modo de organização e fabricação, desdobramento, mutualidade. Mais do

que mutualidades de ser, talvez seria o caso de se pensar em mutualidades de *se tornar* parentes. Talvez aqui esteja o detalhe, que faltava aos teóricos do *Ie*, e da noção de casa; e que provavelmente uma análise mais detida do Dojo – ou dos salões de treinamento – possa explicitar. Mas essa é apenas uma ideia que vem sendo desenvolvida.

BIBLIOGRAFIA

- BACHNIK, Jane M. 1983, Recruitment Strategies for Household Succession: Rethinking Japanese Household Organization. *Man, New Series*, Vol. 18, No. 1 pp. 160-182. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, Mar., Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2801769>
- BEILLEVAIRE, P. 1986, Le Japon, une société de la maison. In Burguière A. Klapisch-Zuber, C., Segalen, M., Zonabend, F. (Org.). *Histoire de la famille 2, Temps médiévaux, Orient/Ocident*. Paris, Armand Colin, p. 287-340
- CARSTEN, J. HUGH-JONES, S. 1995: *About the House*. Cambridge University Press
- CARSTEN, J. 1995: The substance of kinship and the heat of the hearth: feeding, personhood, and relatedness among malays in Pulau Langkawi. *American Ethnologist* 22(2): 223-41
- CARSTEN, J. 2000. Knowing where you've come from: Ruptures and continuities of time and kinship in narratives of adoption reunions. *J. R. Anthropol. Inst.* vol. 6, no4, pp. 687-703
- CARSTEN, J. 2004: *After kinship*. Cambridge University Press
- CHANBERLAIN, Basil Hall 2013 [1882]. Seção VIII, The slaying of the fire-deity. *A Translation of the "Kojiki," or a record of ancient matters*. Transactions of the Asiatic Society of Japan. Tuttle publishing, Global Grey
- DAVIS, W.: *Japanese religion and society: paradigms of structure and change*. State University of New York press, Albany, 1992
- DAVIS, W. 1982. *Dojo: magic and exorcism in modern Japan*, Stanford University Press
- DOI, T. 1973. *The anatomy of dependence*. Kodansha, Tokyo
- DUMONT, L. 1992: *Homo hierarchicus*. Edusp, SP
- DUMONT, L. 2000: *O Individualismo*. Rocco, Rio de Janeiro
- FOUCAULT, . 1984: *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Graal
- FOUCAULT, . 1984: *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Graal
- FOUCAULT, . 1985: *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Graal
- FRANKLIN & McKINNON. 2001: *Introduction, in Relative Values: reconfiguring kinship studies*. Duke University Press, London
- GAMO, M. 1968. 'Nihon no shinzoku soshiki' oboegaki: descent group to dozoku ni kan'shite. *Sha* 2, 80-5
- GAMO, M. 1970. Nihon no dentoteki kazoku no ichi kosatsu. In *Minzokugaku kara Mita Nihon: Oka Masao kyoju koki kinen ronbunshu*. Tokyo: Kawade Shobo Shinsha

- HÉRITIER, F. 1999: Two sisters and their mother. Zonebooks
- KITAMURA, A. 北村優. 2008. Gender Equality Dilemma in Japanese Society: How Traditional Ideas Affect both Women and Men, 文教大学国際学部紀要 第19巻 1号 2008年7月。
- KURODA, Toshio, James C. Dobbins and Suzanne Gay. 1981. **Shinto in the History of Japanese Religion**, Journal of Japanese Studies, Vol. 7, No. 1 (Winter, 1981), pp. 1-21, Published by: The Society for Japanese Studies, Article Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/132163>
- KUMAGAI, H. 1988. Ki: the fervor of vitality. Symbolic Interaction, Volume 11, Number 2, pages 175-190.
- LAMBEK, M. & STRATHERN, A. 1998: Bodies and persons: comparative perspectives from Africa and Melanesia. Cambridge University Press
- LÉVI-STRAUSS, C. 1976a: Mitológicas 4: El hombre desnudo. Siglo veintiuno editores, México
- LÉVI-STRAUSS, C. 1976b: Antropologia Estrutural 2. Biblioteca Tempo Universitário, (45), RJ
- LÉVI-STRAUSS, C. 1981: A via das máscaras. Editorial Presença, Lisboa
- LÉVI-STRAUSS, C. 1985: Os pensadores. Abril Cultural
- LÉVI-STRAUSS, C. 1986: Minhas palavras. Brasiliense
- LÉVI-STRAUSS, C. 1992: Verbetes “Maison” in BONTE & IZARD: Dictionnaire de L’Ethnologie et de L’Anthropologie. PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE, P. 434-436
- LÉVI-STRAUSS, C. 2003: As estruturas elementares do parentesco. Vozes, Petrópolis
- LÉVI-STRAUSS, C. 2004: O Cru e o Cozido. [Mitológicas Vol. 1] Cosac & Naify, São Paulo
- LINGER, Daniel T. 2001. *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan*, Stanford University Press, California
- LOURENÇÃO, G. V. 2014. O campo no Japão antigo visto do presente: Algumas reflexões sobre o parentesco. in MACHADO, Igor José de Renó [ORG] 2015. Deslocamentos e parentesco – PROPOSTA DE LIVRO- FAPESP-2014-2015 [No prelo]
- Fapesp – edufscar, 2015
- LOURENÇÃO, G. V. 2011. O caminho da espada como máquina de operação da japonesidade, in MACHADO, I.J.R. [ORG],: LEM – novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. Fapesp – UFSCar
- LOURENÇÃO, G. V. 2010a Identidades, práticas e moralidades transnacionais: etnografia da esgrima japonesa no Brasil. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, São Carlos, SP, UFSCar [2009], [disponível em www.gilvicenteworks.wordpress.com]
- LOURENÇÃO, G. V. 2010b “Kendo: devir samuraico, mitológicas e ritológicas nipônicas. Adentrando a ‘Casa Japonesa’ [Parte II]”. Revista de Antropologia Social dos alunos do PPGAS-UFSCAR [2010]. V.1, No. 2, p 64-93, São Carlos, São Paulo. Disponível em: <http://gilvicenteworks.wordpress.com/academico/>,
- LOURENÇÃO, G. V. 2010c “Dos mares do Japão às terras férteis do Brasil: considerações sobre o Brasil, a imigração japonesa e sua influência na agricultura.” Brasil – Japão. Observação: em análise para o Livro sobre a Contribuição dos Japoneses à Agricultura no Brasil. [Aos interessados, contatar-me pelo site: <http://gilvicenteworks.wordpress.com/contato/>]

- LOURENÇÃO, G. V. 2010d. O caminho da espada como máquina de transporte para um Japão ideal. VIII Congresso internacional de estudos japoneses no Brasil e XXI ENPULLCJ, (Congresso) Site: <http://www.enpullcj.com/>
- LOURENÇÃO, G. V. 2008: A esgrima japonesa, a i[e]migração e os direitos humanos: algumas considerações. REHMU 31, Outubro de 2008. ISSN: 1980-8585, PP.306-316; No de páginas: 592
- MACHADO, Igor José de Renó. 2015. Deslocamentos e parentesco – PROPOSTA DE LIVRO-FAPESP-2014-2015 [No prelo]
- MACHADO, Igor José de Renó. 2014. A antropologia de Schneider: pequena introdução. EDUFSCAR
- MACHADO, Igor José de Renó. 2003: Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas
- MACHADO, Igor José de Renó..2004: “Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação”, In Revista de Antropologia, vol.47, no.1, p.207-233. ISSN 0034-7701
- MACHADO, Igor José de Renó..2002a Brasileiros no exterior e cidadania. [mimeo] in “caminhos da cidadania” org. Bela F. Bianco, ed. UNICAMP, SP
- MACHADO, Igor José de Renó. 2002b. Mestiçagem arqueológica. in Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, pp. 385-408
- MACHADO, Igor José de Renó. 2006a: Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o “parente ausente” no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares – Texto apresentado na ABA
- MACHADO, Igor José de Renó. 2006b: Um mar de identidades: A imigração brasileira em Portugal. EdUFSCAR, São Carlos,SP
- MACHADO, Igor José de Renó..2004: Imigrantes brasileiros no Porto. Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. In Lusotopie: 121-140, Éditions Karthala, Paris
- MACHADO, Igor José de Renó. 2011. [ORG],: LEM – novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. FAPESP-EDUFSCAR
- MENCIUS: 1984, translated by D.C. Lau. Chinese University Press
- MORISHIMA, Tateo, 森島健男[2010]. 技の剣道から心・気の剣道へ日本人を取り戻すために剣道範士森島健男, 163番号
- NAKAGAWA, H. 2008. Introdução à cultura japonesa. Ensaio de antropologia recíproca. Martins Fontes
- NAKANE, C. 1964. 'le' no kozo bunseki. In Ishida Eiichiro kyoju kanreki kinen ronbunshu. Tokyo: Kadokawa Shoten.
- NAKANE, C. 1967. Kinship and economic organization in rural Japan. London: Atione
- NAKANE, C. 1970. Kazoku no kozo. Tokyo: Tokyo Daigaku Shuppankai
- OCADA, F.: 2002: A cultura e o Habitus japonês: ingredientes da experiência. XIII Encontro da Ass. Brasileira de Estudos Populacionais, Minas Gerais
- OHNISHI T. 2007. How Far Can Ki-energy Reach? A Hypothetical Mechanism for the Generation and Transmission of Ki-energy. University of Pennsylvania, School of Medicine., eCAM 2009;6 (3)379–391 doi:10.1093/ecam/nem102. Advance Access Publication, October 2007
- OIKAWA, H. 1967 [1940]. Dozoku soshiki to kon'in oyobi soso no girei. In H. Oikawa: Dozoku soshiki to sonraku Seikatsu. Tokyo: Miraisha

- 小川忠太郎。1993。範士剣道講話、株式会社体育とスポーツ、東京。
- 井上義彦。2007。About Ki. Kendo World, 4.1.
- 井上義彦。1990。剣道清談、一、二、三。体育とスポーツ、東京。
- RAMBELLI, F. 2010, Home Buddhas: Historical Processes and Modes of Representation of the Sacred in the Japanese Buddhist Family Altar (Butsudan). *Japanese Religions*, Vol. 35 (1 & 2): 63-86
- REYNOLDS, D. 1976. *Morita Psychotherapy*. Berkeley: University of California Press
- SAHLINS, M. 2011. What Kinship is (One and Two). *Journal of Royal Anthropological Institute (N.S.)* 17, 2-19
- SATO, H. 1985. *The Sword and the Mind*, The Overlook Press
- SATOU, K. (1996). *Ki*, Tokyo: Sanseido Co. Ltd.
- 酒井利信。2000。人間形成と気 - 気と武道。神戸学院大学。
- 酒井利信。2010。日本剣道の歴史 英訳付き (剣道日本) (日本語) 単行本。
- SCHNEIDER, D. 1987. *A critique of the study of Kinship*. The University of Michigan press, Ann Arbor
- SCHNEIDER, D. 1968: *American kinship: a cultural account*. Prentice-hall
- SINGER, K. 1989. *Mirror, Sword and Jewel*, Tokyo: Kodansha International
- SHIMIZU, A. 1991. On the Notion of Kinship. *Man, New Series*, Vol. 26, No. 3 (Sep., 1991), pp. 377-403
- SHIMIZU, A. 1987a. *Ie and dozoku: family and descent in Japan*. *Curr. Anthropol* 28(4), supplement, 85-90
- SHIMIZU, A. 1987b *Ie,shintai, shakai: kazoku no shakai jinruigaku*. Tokyo: Kobundo
- STRATHERN, M. 1992: *Reproducing the future*. Manchester University Press
- Takuan Soho: 1985, *Fudochi Shinmyo Roku*, The unfettered mind. Writings of the Zen master to the Sword master, in *the Sword and the mind*, Hiroaki Sato, Overlook press, NW
- TOKITSU, K. 2012. *Ki e o caminho das artes marciais*, Cultrix
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2009. "The Gift and The Given. Three Nano-Essays in Kinship and Magic" in Sandra Bamford and James Leach (eds.) *Kinship and Beyond* Berghan Books pp.235-268
- Yagyū Munenori, 2012. *Heiho kadensho- The Life-giving Sword*, tradução de William Scott Wilson, Shambhala, London
- WAGNER, R. 2010. *A invenção da Cultura*. Cosac Naify

Sites:

- <http://www.kendo.or.jp/#all> [Acesso em outubro, 2014]
- <http://www.kendo-fik.org/index.html> [Acesso em outubro, 2014]
- <http://www.nipponbudokan.or.jp/> [Acesso em outubro, 2014].
- <http://www.jnto.go.jp/eng/location/spot/shritemp/kashimajingu.html> [Acesso em outubro, 2014].
- <http://kashimajingu.jp/> [Acesso em outubro, 2014].

http://www.gender.go.jp/english_contents/pr_act/pub/pamphlet/women-and-men13/ [Acesso em outubro, 2014]

NOTAS

1. Sobre o conceito de relacionalidade e sua utilização no Laboratório de Estudos Migratórios da UFSCar, ver [Machado 2014, 2015].
2. 飲み会。Nomikai. Encontro para beber ou comer, bastante comuns em companhias japonesas e outros agrupamentos de colegas de trabalho/ atividades conjuntas.
3. *Kendo*: “剣道”- “O caminho da Espada”.
4. *Bushido* “武士道”. Refere-se a virtudes e caminhos para condução moral de samurais principalmente no período Edo, sendo motivo de uma série de livros e escritos por vários samurais e monges, entre eles Yamamoto Tsunetomo, Takuan Soho, Miyamoto Musashi, Yagyū Munenori etc. Inazo Nitobe foi notabilizado pelo seu famoso livro, de mesmo título. Essas virtudes-conceitos eram passadas oralmente no Japão, de geração a geração e podem ser sintetizadas em sete princípios: Retidão, Coragem, Benevolência, Respeito, Sinceridade, Honra e Lealdade.
5. Sugiro ler o capítulo 2 de minha dissertação (2010a).
6. <http://www.kendo-fik.org/index.html> [Acesso em outubro, 2014]
7. 「警視庁」。Keishicho – Polícia Metropolitana de Tóquio. Grupamento de Elite da Polícia Japonesa.
8. 「免許皆伝」。Menkyo-Kaiden. Diploma atestando maestria na arte.
9. 「武道館」。Salão para prática do Budo, ou caminhos marciais.
10. <http://www.jnto.go.jp/eng/location/spot/shritemp/kashimajingu.html>, <http://kashimajingu.jp/> Acesso em outubro, 2014.
11. 「お正月」。Oshogatsu – Ano Novo. O templo Kashima recebe perto de 600 mil pessoas todos os anos, de acordo com estimativas do Templo, divulgadas no local.
12. Ora, embora as divindades tenham agência ilimitada pelo espaço e pelo tempo, os templos são vistos como as casas das divindades, e as divindades têm a agência potencializada dentro desses espaços sagrados. Desenvolvi o argumento sobre os templos enquanto casas das divindades na tese uma vez que a noção de casa é primordial para se entender o Japão.
13. 「建御雷之男神」Takemikazuchi, Kashima-no-kami, Uma das divindades da tempestade, trovões, artes marciais, e da Espada. No livro *Kojiki* o nome dessa divindade é às vezes escrita completa, 建御雷之男神 "Brave-Awful-Possessing-Male-Deity". Ele também porta os nomes alternativos Takefutsu (建布都神 "Brave-Snapping-Deity") e Toyofutsu (豊布都神 "Luxuriant-Snapping Deity"). No templo está localizada a 「要石」 – pedra Kaname, ou pedra pivô. Esta pedra marca a posição do peixe que está abaixo do solo da área do templo Kashima, e este peixe [Namazu (鯰)] é controlado pela divindade Takemikazuchi, cujo trabalho é mantê-lo calmo por meio da espada. Caso isso não aconteça, terremotos ocorrem. Chamberlain, Basil Hall [1882]. Part VIII, The slaying of the fire-deity. *A Translation of the "Kojiki," or a record of ancient matters*. Transactions of the Asiatic Society of Japan. Tuttle publishing, Global Grey 2013.
14. 「先生」。Sensei – professor ou mestre.
15. 「先輩」。Senpai – veterano.
16. 「後輩」。Kouhai – calouro.
17. 「武道」。Budo – caminhos marciais.
18. Escola antiga, um das que fundamentaram o *Kendo* moderno.
19. Agradeço ao parecerista do artigo esse comentário bastante pertinente.

20. Sobre a *Casa*, Lévi-Strauss nos diz (Dictionnaire de L'Ethnologie, 1992, p.435): *La maison est une personne morale, détentrice d'un domaine composé à la fois de biens matériels et immatériels, et qui se perpétue par la transmission de son nom, de sa fortune et de ses titres em ligne réelle ou fictive, tenue pour légitime à la condition que cette continuité puisse se traduire dans le langage de la parenté ou de l'alliance, ou le plus souvent les deux ensemble*

21. 「家族」。

22. Há variados casos de adoção para o Japão, embora a adoção do genro seja a mais comum [*Muko Yoshi*] de acordo com Beillevaire (1986, p. 318). Mas pode contar com a adoção de um casal [*Fûfu Yoshi*], que é a forma direta de perpetuação da 'casa' quando de impossibilidade de um parente na linhagem consanguínea, o que leva a um processo de consanguinização de um duplo afim. Sobre isso também, pode-se ver Bachnik (1983) e Shimizu (1987).

RESUMOS

Este texto se refere a uma linha de interpretação de minha pesquisa de campo realizada no Japão, entre os anos de 2012 a 2014, e procura relacionar fatos etnográficos levantados junto a praticantes de esgrima japonesa – entre eles japoneses e não japoneses – através das relações presentes em espaços de treinamento, chamados de *Dojo*, nos quais operam os conceitos de hierarquia e família. Neste sentido procuramos traçar uma analogia com a noção de *Casa*, tal qual considerada em forma breve na teoria antropológica. A utilização do salão de treino como unidade de análise em correlação ao conceito de casa é importante e decorrente das observações de campo e análises posteriores.

This article is based on an interpretation line ow my fieldwork carried out in Japan between 2012 and 2014, concerning ethnographical data gathered among japanese fencing practitioners – Japanese and non-Japanese alike – within relationships present in training spaces, called *Dojos*, where notions of hierarchy and family are held. We aim to trace an analogy with the concept of House, as conceived in anthropological theory. The uses of the training room as the analysis unity, compared to the concept of house, is an aftermath of fieldwork and following analysis.

ÍNDICE

Keywords: Hierarchy, Family, Notion of House, Japaneseness, Kinship

Palavras-chave: Hierarquia, Família, Noção de Casa, Japonêsidade, Parentesco

AUTOR

GIL VICENTE NAGAI LOURENÇÃO

Doutorando em Antropologia Social – Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. Candidato a pós- doutoramento – Tsukuba University. Membro das seguintes sociedades científicas: ABEJ – Associação Brasileira de Estudos Japoneses, LEM – Laboratório de Estudos Migratórios-UFSCAR.,

ABA – Associação Brasileira de Antropologia, ABMON – Associação dos Estudantes do Monbukagakusho e Academia Japonesa de Artes Marciais 日本武道学会.
E-mail gilvicente@ufscar.br